

CRÍTICA / FILME / UMA BELA MANHÃ

Les Films du Losange

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Esbanjando problemas nas latitudes mais variadas de seu afeto, Sandra Kienzler, a força vital do filme “Uma Bela Manhã” (“Um Beau Matin”), senta-se ao lado de uma travessa farta de salada verde, usando um casaquinho vermelho surrado, e abre um sorriso de conforto ao ver sua filha brincar com o homem a quem arrisca abrir seu surrado coração. É um instante de simplicidade plena. Não tem qualquer efeito causal sobre a trama. Apesar disso, é por meio dele que sua realizadora, Mia Hansen-Løve, preenche a tela de afetuosidade, dando alma a um ensaio sobre os nós que a vida dá na rotina da gente, quando menos se espera.

A destreza com que a cineasta, conhecida por “Maya” (2018) e “O Pai Dos Meus Filhos” (2009), traça a geometria existencial da jovem senhora Kienzler, num compasso de ponta fina chamado Léa Seydoux, é notável já nos primeiros planos. Em Cannes, essa esgrima de Mia com a lâmina cega da inércia na dramaturgia corriqueira do cinema francês foi um convite a um mar de elogios. Ninguém soube explicar o que ela foi fazer na Quinzena de Cineastas em vez de concorrer à Palma de Ouro. O fato é: ela agradeceu onde esteve.

Cronista da falta de perspectivas aparentes, sempre debruçada sobre o “pra onde vamos”, que serve como bússola a filmes como “O Que Está Por Vir” (Urso de Prata de Melhor Direção em Berlim, em 2016), Hansen-Løve se fortalece, como narradora, filme após filmes, seguido por estruturas cada vez mais complexas, avessas a repetição. Em “Uma Bela Manhã”, a diretora flana entre o drama familiar e o folhetim romântico de modo a criar equilíbrio e cumplicidade entre essas duas instâncias.

Na trama, fotografada em



“Uma Bela Manhã” foi destaque na Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes

Geometria do desarranjo

tintas mansas por Denis Leinoir, Sandra Kienzler (o papel de Seydoux) é uma mãe solteira, viúva, que cuida sozinha da criação de sua filha, Esther (Elsa Guedj), após a morte de seu marido, cinco anos antes. Trabalhando como tradutora, ela cuida diligentemente de seu pai, Georg Kinsler (Pascal Greggory, ótimo em cena). Ele é um professor de Filosofia aposentado, que perdeu a visão devido a uma doença neurodegenerativa. A doença dele, obriga Sandra a realocar Georg várias vezes de clíni-

cas ou de instituições de assistência. A cada trânsito dele, os dois têm uma troca, sentimental e simbólica, que reforça a conexão que ambos têm com a palavra. Ele o faz via Platão e os pré-socráticos e ela, pelos romancistas que traduz. Nesse ínterim, um amigo d’outros tempos, Clement (Melvil Poupaud, um ator em fase de evolução, preciso e sagaz em cena), aproxima-se dela. Não se trata de uma aproximação apenas amistosa e, sim, um convite a um romance, embora ele seja casado e não esteja considerando a

hipótese de deixar a mulher.

Inicia-se aí uma ciranda de pactos, de perdas, de danos, mas, nunca, de acomodações. Mia não se atrai por bonanças estratégicas. Seu cinema é o do desarranjo, ainda que este pareça leve. A tragédia sempre pode parecer menos grade do que é. Essa é a lição deste envolvente achado da produção francesa dos anos 2020, que este ano abriu o Festival de Cannes com o musical “Partir Un Jour”, de Amélie Bonnin, que já vendeu meio milhão de ingressos ao longo de quatro

semanas. A pátria de Emmanuel Macron tem outro potencial fenômeno, feito de mãos dadas com os EUA, para arrebatrar multidões: “Nouvelle Vague”, de Richard Linklater. Estima-se que novas produções feitas em Paris e arredores por vozes autorais se espalhem pelos festivais de Locarno (6 a 16 de agosto) e de Veneza (27 de agosto a 6 de setembro). “Deux Pianos”, de Arnaud Desplecin, com François Civil, é uma das apostas mais quentes da indústria francesa para o segundo semestre.